



## O FIM DA HISTÓRIA E O ÚLTIMO HOMEM

### *THE END OF HISTORY AND THE LAST MAN*

**Luciana Diniz Durães Pereira\***

*“Events, my dear boy, events”*

**Maurice Harold Macmillan<sup>1</sup>**

#### RESUMO

O presente artigo objetiva analisar, criticamente, uma das obras mais polêmicas publicadas no início da década de 1990, qual seja *O Fim da História* e o *Último Homem*, de Francis Fukuyama. Parte-se, então, de uma tentativa de compreensão das ideias e construções teóricas do autor a respeito do que este considera como o *fim da História* e o *último homem* e, neste sentido, busca-se expor os principais impactos da utilização desses conceitos nas relações internacionais por vir. É mister salientar que, tanto a abordagem de Fukuyama como a própria existência do livro em si, umbilicalmente se vinculam ao contexto histórico-político da queda do Muro de Berlim e à correlata abertura da ex-URSS à economia e à cultura ocidentais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fim da História. Último Homem. Francis Fukuyama. Direito e Relações Internacionais.

---

\* *Luciana Diniz Durães Pereira* é Doutoranda em Direito Público na Faculdade de Direito da UFMG, Mestre em Direito Internacional pela PUC Minas, Especialista em Direito Internacional pelas Faculdades Milton Campos e Bacharel em Direito e em História, ambos pela UFMG. Em 2009, foi pesquisadora da Delegação Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas em Genebra, na Suíça (DELBRASGEN). Atualmente, é pesquisadora do Centro de Direito Internacional (CEDIN) e professora universitária nos cursos de Direito da Universidade FUMEC e do Centro Universitário UNA, no qual é, igualmente, membro da equipe da Coordenação Acadêmica.

<sup>1</sup> A citação em tela é atribuída, por muitos, ao I Conde de Stockton, Maurice Harold Macmillan, político conservador inglês que foi, por seis anos, Primeiro Ministro do Reino Unido (1957-1963). Tal frase teria sido dita durante uma entrevista quando, indagado pelo jornalista em questão sobre quais são os fatores que fazem um governo sair dos rumos, Macmillan teria dito, então, e em tom sarcástico, que são os eventos, ou seja, as circunstâncias histórico-políticas às quais os Estados estão afetos.



## ABSTRACT

The present article aims to critically analyze one of the most polemical books published in the early 1990's: "The End of History and the Last Man" wrote by Francis Fukuyama. It tries to understand the author's ideas and theoretical constructions about the *end of history* and *the last man* and also seeks to expose the main impacts of using these concepts in the future, especially in the international relations. Moreover, it is important to notice that Fukuyama's approach and the existence of the book itself are inseparably linked to the historical and political context of the fall of the Berlin Wall and to the related opening of the former USSR to the economy and western culture.

**KEYWORDS:** End of History. Last Man. Francis Fukuyama. Law and International Relations.

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela redação do presente trabalho foi desenvolvido a partir das provocações intelectuais realizadas nas aulas da disciplina *Temas de Filosofia do Estado*, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (FDUFMG). Naquela ocasião, mais precisamente no segundo semestre letivo de 2013, o responsável pela condução da matéria foi, a convite do docente da Casa, Prof. Dr. José Luiz Borges Horta<sup>2</sup>, o internacionalmente conhecido filósofo catalão Prof. Dr. Gonçal Mayos Solsona<sup>3</sup> da Facultat de Filosofia da Universitat de Barcelona. A pedido do Prof. Mayos, e por óbvia decorrência de seus estudos e investigações filosóficas sobre a Pós-Modernidade e a

---

<sup>2</sup> O currículo do Prof. Dr. José Luiz Borges Horta pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4728051A3>> Acesso em: 09 abri. 2014.

<sup>3</sup> Gonçal Mayos Solsona é filósofo e professor Doutor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona. A partir de seus estudos sobre pensadores como Hegel, Herder, Kant, Descartes, D'Alembert e Nietzsche, tem desenvolvido estudos sobre a Pós-Modernidade e, neste sentido, é o responsável pela criação e utilização da expressão *Macrofilosofia*. Maiores informações estão disponíveis em dois websites criados e semanalmente fomentados pelo autor: <<http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos/>> e <<http://goncalmayossolsona.blogspot.com.br/>> Acesso em: 10 abri. 2014.



Macrofilosofia, o enfoque do curso deu-se em torno da seguinte indagação: *¿Qué somos? ¿Modernos o postmodernos?*

A partir disso, então, de uma vasta bibliografia fornecida pelo filósofo, cada aluno teve a responsabilidade de escolher uma entre tantas obras de autores modernos e pós-modernos e produzir um artigo que, de forma crítica, condensasse a biografia do autor e as principais ideias expostas no livro em questão. Em decorrência da formação acadêmica da autora do presente artigo, ligada tanto à História como, e especialmente, ao Direito Internacional Público, foi escolhida a publicação em análise: *O Fim da História e o Último Homem*, do autor estadunidense Francis Fukuyama. Apesar de já ter sido lida anteriormente e de haver convencimento de suas fragilidades e incongruências, sua releitura à luz de novos aportes filosóficos materializava-se como, no mínimo, deveras interessante.

Nesse sentido, o texto que se segue é o resultado da tarefa proposta pelo Prof. Mayos e a ele apresentada previamente, portanto de publicação ainda inédita no país. Por ser apenas uma tentativa de exposição das ideias de Fukuyama em relação ao fim da História e ao último homem, o presente trabalho não explorará outras e eventuais digressões do autor sobre a temática, sobremaneira algumas assertivas teóricas elaboradas por ele a partir dos anos 2000<sup>4</sup>, quando seus estudos sobre o Liberalismo e sobre as relações entre a China e o Ocidente levaram-no a publicar, recentemente, obra intitulada *As Origens da Ordem Política – Dos Tempos Pré-Humanos até a Revolução Francesa*<sup>5</sup>.

## **2 BIOGRAFIA DE YOSHIHIRO FRANCIS FUKUYAMA**

Yoshihiro Francis Fukuyama, mundialmente conhecido apenas pela raiz inglesa de seu nome, qual seja Francis Fukuyama, é cidadão estadunidense e nasceu em Hyde Park, nas

---

<sup>4</sup> Interessante consultar duas entrevistas do autor à *Folha de São Paulo*, respectivamente de 2003 e de 2013. Disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0109200304.htm>> e <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/109792-america-latina-se-saiu-melhor-que-os-eua-no-combate-a-crise.shtml>> Acesso em: 02 mar. 2014.

<sup>5</sup> FUKUYAMA, Francis. *As Origens da Ordem Política – Dos Tempos Pré-Humanos até a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.



cercanias de Chicago, Illinois, em 27 de outubro de 1952. Todavia, viveu na cidade por pouco tempo, tendo passado parte de sua infância e toda sua juventude na cidade de Nova Iorque.

O nome de origem japonesa que consta em seu registro civil de nascimento deve-se a seu histórico familiar, uma vez que é filho de Yoshio Fukuyama<sup>6</sup> e Toshiko Kawata Fukuyama<sup>7</sup>. Provavelmente, o “abandono” da utilização de seu nome nipônico deve-se à não estreita vinculação do autor a suas origens familiares e culturais japonesas, pois cresceu imerso na cultura ocidental norte-americana, não aprendendo sequer o idioma de seus genitores<sup>8</sup>.

No entanto, a influência dos pais na formação intelectual do autor pode ser facilmente rastreada, pois ambos possuem forte ligação com a vida acadêmica e universitária. Yoshio Fukuyama é teólogo, professor de estudos religiosos, Doutor em Sociologia pela Universidade de Chicago e autor de algumas obras teológicas de destaque no cenário estadunidense como, a exemplo, *The Fragmented Layman: An Empirical Study of Lay Attitudes* (Pilgrim Press, 1970) e *The Ministry in Transition: A Case Study of Theological Education* (Pennsylvania State University Press, 1972). Sua mãe, igualmente, nasceu e cresceu ligada aos círculos intelectuais japoneses, uma vez que é filha de Shiro Kawata, fundador do Departamento de Economia da Universidade de Kyoto e primeiro Presidente<sup>9</sup> da Universidade de Osaka.

Nesse sentido, Francis Fukuyama iniciou sua formação acadêmica na Universidade de Cornell, tornando-se *Bachelor of Arts* ao obter grau em *Classics*<sup>10</sup>, já que se dedicou aos

---

<sup>6</sup> O pai de Francis Fukuyama é japonês-americano de segunda geração, isto é, um nisei. Nasceu em Los Angeles, Califórnia.

<sup>7</sup> A mãe do autor, por sua vez, nasceu em Kyoto, no Japão, e imigrou, em 1949, para os Estados Unidos da América. Conheceu o marido na Universidade de Chicago e os dois tiveram apenas um único filho.

<sup>8</sup> YOUTUBE. *Book TV C-SPAN2. Francis Fukuyama Interview: The End of History and the Last Man*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vZWJETpfbzM>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

<sup>9</sup> Na estrutura universitária japonesa, o cargo de Presidente de uma Universidade é praticamente equivalente, similar, ao de Reitor nas Universidades europeias e latinas.

<sup>10</sup> Neste período, e durante cinco anos, Fukuyama estudou grego para poder ler, no original, textos de Platão e Aristóteles. In: YOUTUBE. *Book TV C-SPAN2. Francis Fukuyama Interview: The End of History and the Last Man*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vZWJETpfbzM>>. Acesso em: 10 mar. 2014.



estudos da Filosofia Política sob orientação do filósofo Allan David Bloom<sup>11</sup>. Em sequência, começou seus *Graduate Studies* em Literatura Comparada na Universidade de Yale. Na ocasião, foi contemplado com uma bolsa de estudos de seis meses de duração e partiu para Paris, como estudante de um programa de intercâmbio universitário. Na França, apesar de ter tido a oportunidade de ser aluno de intelectuais do porte de Roland Barthes<sup>12</sup> e Jacques Derrida<sup>13</sup>, Fukuyama desiludiu-se com os estudos literários e, ao retornar aos Estados Unidos da América (EUA), abandonou o curso em Yale e tornou-se aluno da Universidade de Harvard. Foi nesta Universidade, então, que se graduou em Ciência Política e teve como professores os mais importantes cientistas políticos das décadas de 1960 e 1970, como, a exemplo, Samuel Phillips Huntington<sup>14</sup> e Harvey Claflin Mansfield Jr.<sup>15</sup>. Posteriormente, em 1981, se tornou Ph.D. em Ciência Política pela mesma Universidade, versando sua tese sobre a política externa da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em relação aos países do Oriente Médio.

Aliada a sua carreira acadêmica e a suas atividades docentes<sup>16</sup>, é expressiva a participação e o trabalho de Francis Fukuyama em diversos centros de pesquisa estadunidenses, em especial aqueles que possuem ligação com os serviços estatais dos EUA, nas áreas de Inteligência e de *Foreign Affairs*. Entre suas atuações em órgãos de tal natureza destacam-se, entre 1979 e 1996, a filiação do autor ao *Political Science Department of the*

---

<sup>11</sup> Allan David Bloom (1930-1992) foi um filósofo, acadêmico e professor das Universidades de Cornell, Yale, Chicago, Toronto e da École Normale Supérieure de Paris. Era crítico feroz da educação superior norte-americana, e sua principal produção intelectual é o livro *The Closing of the American Mind*, publicado em 1987.

<sup>12</sup> Roland Barthes (1915-1980) foi um semiólogo, escritor, crítico literário e filósofo francês ligado à Escola Estruturalista e às teorias do linguista Ferdinand de Saussure.

<sup>13</sup> Jacques Derrida (1930-2004) foi um filósofo e escritor francês que, na década de 1960, iniciou a teorização da Desconstrução na Filosofia. Autor de diversas obras, foi professor da Sorbonne, da École Normale Supérieure de Paris e da École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, além de professor convidado de quase todas as mais prestigiadas Universidades do mundo. Em 2002, foi nomeado para a Cátedra Gadamer, na Universidade de Heidelberg, mediante solicitação do próprio filósofo alemão.

<sup>14</sup> Samuel Phillips Huntington (1927-2008) foi um economista estadunidense, de viés conservador, professor da Universidade de Harvard e autor da conhecida obra *O Choque de Civilizações*.

<sup>15</sup> Harvey Claflin Mansfield Jr. (1932) é professor do Departamento de Governança da Universidade de Harvard e autor de diversas obras, em co-autoria com sua esposa, sobre Alexis de Tocqueville.

<sup>16</sup> Francis Fukuyama foi, entre 1996 e 2000, professor da George Mason University e, até julho de 2010, da Johns Hopkins University.



*RAND Corporation*<sup>17</sup> e, em período quase idêntico, ao *Policy Planning Staff of the US Department of State*<sup>18</sup>. Em 2005, Fukuyama fundou a revista *The American Interest*<sup>19</sup> e é, hoje, diretor de seu editorial.

Além dessa atividade, o autor é, atualmente, professor titular da cadeira *Olivier Nomellini Senior Fellow at the Freeman Spogli Institute for International Studies* da Universidade de Stanford, trabalhando junto ao *Center on Democracy, Development, and the Rule of Law (CDDRL)* da Universidade. Sua atuação filia-se ao “Projeto de Governança” do CDDRL, o qual possui como objetivo central “...melhor definir e conceituar o que é governança e entender como tal fenômeno se dá entre duas sociedades: a República Popular da China e os Estados Unidos da América”<sup>20</sup>.

Sobre sua vida pessoal, cabe destacar o casamento com Laura Holmgren, que ele conheceu logo no início de seu trabalho na *RAND Corporation*. O casal têm três filhos, Julia, David e John, e a dedicatória de sua mais conhecida obra, “O Fim da História e o Último Homem”, é direcionada para dois deles, tendo David nascido ao longo da redação do livro e John logo após o seu lançamento<sup>21</sup>. Fukuyama é fotógrafo nas horas vagas, marceneiro apaixonado por móveis americanos *vintage* e estudioso de produção e reprodução de sons.

---

<sup>17</sup> A RAND Corporation é um *think tank* sem fins lucrativos, isto é, um centro de produção de conhecimento, pesquisa e consultoria na área de política global. Originalmente fundada pela Douglas Aircraft Company para auxiliar as Forças Armadas estadunidenses, a corporação é, hoje, financiada pelo governo norte-americano e por diversas entidades privadas. Presta serviços para diferentes países, Universidades, empresas nacionais e multinacionais e, também, para Organizações Internacionais Intergovernamentais.

<sup>18</sup> Para maiores detalhes sobre a atuação e as políticas do citado Departamento de Estado do Governo dos EUA, consultar: <<http://www.state.gov/s/p/>>.

<sup>19</sup> A revista encontra-se disponível para consulta no endereço eletrônico <<http://www.the-american-interest.com/>>. Possui como colunistas semanais Adam Garfinkle, Francis Fukuyama, Jagdish Bhagwati e Peter Berger.

<sup>20</sup> Tradução própria, realizada a partir do texto original presente na página do autor no website da Universidade de Stanford. “*Project – The Governance Project seeks to better define and conceptualize governance, and to understand how it functions in two societies, the People’s Republic of China and the United State*”. In: STANFORD UNIVERSITY. *Francis Fukuyama’s Biography*. Disponível em: <<http://fukuyama.stanford.edu/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

<sup>21</sup> WROE, Nicholas. *History’s Pallbearer*. The Guardian. Mar 17, 2011. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2002/may/11/academicexperts.artsandhumanitie>>. Acesso em: 30 mar. 2014.



Sobre este hobby, disse, certa vez: "*These days I seem to spend as much time thinking about gear as I do analyzing politics for my day job*"<sup>22</sup>.

### 3 O FIM DA HISTÓRIA

Poucos meses antes da queda do Muro de Berlim<sup>23</sup>, mais precisamente no verão de 1989, a polêmica teorização de Francis Fukuyama sobre o fim da história foi apresentada à comunidade acadêmica internacional, bem como à opinião pública em geral. Em um pequeno artigo publicado no número dezesseis da revista *The National Interest*, sob o título *The End of History?*<sup>24</sup>, Fukuyama desenvolveu as bases de seu pensamento político-filosófico.

Em 1992, três anos após a publicação daquelas quinze páginas iniciais, Fukuyama lançou a obra *The End of History and the Last Man*<sup>25</sup>, na qual verticalizou e estendeu a compreensão das ideias rascunhadas anteriormente. No entanto, já na introdução do livro, o autor esclarece que, apesar de veiculado ao artigo de 1989, a obra não se limita à mera repetição e/ou desenvolvimento dos pontos centrais daquele texto<sup>26</sup>. Ainda, que esta não é uma resposta à onda de ferozes críticas e incendiários comentários realizados sobre o referido artigo, mas, ao contrário, uma obra que intenciona responder a um antigo questionamento, a uma antiga inquietação, qual seja:

Embora este livro seja informado pelos fatos mundiais recentes, seu tema retorna a uma questão muito antiga: será que no fim do século XX faz sentido falarmos

---

<sup>22</sup> Tradução nossa: "Nestes dias eu pareço gastar tanto tempo refletindo sobre estes mecanismos como eu passo fazendo análises políticas no meu trabalho cotidiano". BAST, Andrew. *The Beginning of History*. The Daily Beast in Newsweek Magazine. May 05, 2011. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/newsweek/2011/04/10/the-beginning-of-history.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

<sup>23</sup> O Muro de Berlim começou a ser derrubado na noite do dia 09 de novembro de 1989, e o fim da URSS é datado de 21 de dezembro de 1991, com a criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

<sup>24</sup> Tradução nossa: "O Fim da História?". FUKUYAMA, Francis. *The End of History?* The National Interest, nº 16, (Summer, 1989), p. 3-18.

<sup>25</sup> A editora carioca Rocco, a primeira a traduzir o livro no Brasil, vez que o fez ainda em 1992, manteve-se, quando da tradução do título, fiel ao autor. Logo, o livro foi publicado sob o título "O Fim da História e o Último Homem".

<sup>26</sup> Fukuyama organiza o livro a partir de uma subdivisão do texto em cinco grandes partes, quais sejam: i) Parte I – Uma Antiga Questão Reformulada; ii) Parte II – A Velhice da Humanidade; iii) Parte III – A Luta pelo Reconhecimento; iv) O Salto sobre Rodes; v) O Último Homem.



novamente de uma história coerente e direcional da humanidade, que, finalmente, conduzirá a maior parte dessa humanidade à democracia liberal? Minha resposta é sim, por duas razões distintas. Uma está ligada à economia, e a outra diz respeito ao que chamamos de “luta pelo reconhecimento”<sup>27</sup>.

Para que se possa, então, compreender o pensamento de Fukuyama, o conceito de história por ele utilizado deve ser, *a priori*, esclarecido. Não se trata da acepção da palavra em seu sentido usual, isto é, de lhe atribuir o significado de mera ocorrência encadeada de fatos que podem ser ordenados em uma cronologia e, em seguida, analisados e interpretados pelo historiador a partir de metodologias variadas, ainda que na perspectiva braudeliana de *longue durée*<sup>28</sup>.

Ao contrário, mas também não negando o autor a contínua e permanente ocorrência dos eventos históricos e, tampouco, dos “fatos grandes e importantes”<sup>29</sup>, através dos tempos, a história para ele filia-se às compreensões do termo trabalhadas por Georg Wilhelm Friedrich Hegel<sup>30</sup> e por Karl Heinrich Marx<sup>31</sup>, no sentido de entendê-la como um processo único, coerente e, de certa maneira, evolutivo. Assim, atingidos os fins máximos de felicidade, liberdade e bem-estar do homem, esta evolução da história chegaria à interpretação de Fukuyama a respeito dos escritos de tais pensadores sim, a um fim.

Tanto para Hegel quanto para Marx, a evolução das sociedades humanas não era ilimitada, mas terminaria quando a humanidade alcançasse uma forma de sociedade que pudesse satisfazer suas aspirações mais profundas e fundamentais. Desse modo, os dois pensadores previam um “fim da história”. Para Hegel seria o Estado Liberal, enquanto que para Marx seria a sociedade comunista<sup>32</sup>.

<sup>27</sup> FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992, p. 13.

<sup>28</sup> Expressão atribuída ao renomado historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), um dos mais importantes expoentes da Escola dos Annales. A partir da publicação de seu célebre livro *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Epoque de Philippe II*, o conceito de *longue durée* está permanentemente ligado aos trabalhos do autor, ou seja, e em linhas gerais de explicação, de certo desprezo à compreensão e importância dos pequenos fatos históricos em contraposição às análises de longos períodos, em uma perspectiva de apreensão do todo, de características macro da História.

<sup>29</sup> Idem, op. cit., p. 12.

<sup>30</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um dos principais expoentes do Idealismo alemão. Sua obra fundamental, “Fenomenologia do Espírito”, de 1807, o elevou como um dos principais filósofos da história.

<sup>31</sup> Karl Heinrich Marx (1818-1883) foi o pensador alemão do século XIX. Ao escrever diversas obras sobre as incoerências e injustiças do sistema capitalista, sobretudo “O Capital”, cujo volume 1 foi publicado em 1867, é considerado, juntamente com Engels, o pai do Socialismo.

<sup>32</sup> Idem e ibidem, op. cit., p. 12.



Desse modo, a tese central do livro é a de que o fim da história apresenta-se porque a atual democracia liberal é a forma vitoriosa e final de expressão do poder estatal, pois permite aos homens a real vivência e correlata garantia, eficácia e efetividade de seus direitos humanos-fundamentais<sup>33</sup>. Em especial, a liberdade, a igualdade e a dignidade da pessoa humana em suas matizes individuais e coletivas, tanto em perspectiva pública quanto privada.

Não que Fukuyama seja um otimista e progressista entusiasmado e convicto, vez que reconhece, por exemplo, no Holocausto e nos tantos conflitos armados de dimensões nacionais e internacionais do século XX, a total negação da ideia de progresso histórico, bem como o faz quando cita as incoerências e injustiças das democracias liberais, demonstrando suas falhas e idiosincrasias internas. No entanto, ao longo de toda a obra, afirma que, apesar de as democracias liberais contemporâneas enfrentarem problemas de fato, estes “não são tão graves a fim de conduzirem necessariamente ao colapso da sociedade como um todo, como aconteceu com o comunismo na década de 1980”<sup>34</sup>. Além disso, afirma que, dentro do próprio sistema político-jurídico destas democracias, tais problemas e entraves são de resolução plenamente possível, ainda que eventualmente demorados e/ou de agendas de difícil consenso internacional.

Explicar-se-ia, então, tal força de permanência final do modelo das democracias liberais a partir da relação existente entre liberdade política e liberdade do pensamento econômico. Neste ponto, Fukuyama, ao longo de toda a Parte II do livro, utiliza-se da ciência natural moderna para demonstrar que esta possui uma lógica própria, que parece ditar um caminho de evolução universal na direção do capitalismo, humanizado, e, de certa maneira limitado, nas democracias liberais.

Para o autor, o desenvolvimento tecnológico e o domínio da natureza pelo homem levam a três consequências: i) vantagens militares para os países que detêm ou criam tais tecnologias; ii) acúmulo de riquezas capazes de satisfazerem, ainda que em parte, os desejos humanos; iii) a “homogeneização uniforme de todas as sociedades humanas,

---

<sup>33</sup> A expressão “direitos humanos-fundamentais” é aqui utilizada no sentido defendido por constitucionalistas brasileiros, como Gilmar Mendes e Bernardo Gonçalves Fernandes, por exemplo. Para estes, assim como para Marcelo Galuppo, os direitos fundamentais são os direitos humanos internalizados, ou seja, são o resultado da previsão, nos textos constitucionais nacionais, dos direitos humanos.

<sup>34</sup> Idem, op. cit., p. 22.



independentemente de suas origens históricas ou das suas heranças culturais”<sup>35</sup>. Assim, a citada lógica da ciência natural moderna é “uma interpretação econômica da mudança histórica, mudança que (ao contrário de sua variante marxista), conduz ao capitalismo, e não ao socialismo, como resultado final”<sup>36</sup>.

Entretanto, Fukuyama não encerra sua análise neste ponto. Defende, expressamente, que apenas uma interpretação econômica da história não é suficiente para explicar os louros, a hegemonia e a vitória das democracias liberais, exemplificadas nos casos da França, da Suíça e dos EUA. Para ele, a descrição hegeliana não materialista da história, baseada na ideia da luta pelo reconhecimento humano, é, também, peça chave desta compreensão. Ou seja, um dos mais relevantes aportes teórico-conceituais por ele utilizados.

As interpretações econômicas da história são incompletas e insatisfatórias, porque o homem não é simplesmente um animal econômico. Em especial, estas interpretações não podem explicar por que somos democratas, isto é, proponentes do princípio da soberania popular e da garantia dos direitos básicos sob o império da lei. (...) O homem difere fundamentalmente dos animais porque, além disso, deseja o desejo dos outros homens, ou seja, quer ser “reconhecido”. Especialmente, quer ser reconhecido como *ser humano*, isto é, como um ser com certo valor ou dignidade. (...) Exatamente porque o objetivo da luta não é determinado pela biologia, Hegel o interpreta como o primeiro lampejo da liberdade humana<sup>37</sup>.

Neste sentido, a democracia liberal, como consequência do desenvolvimento dos ideais das Revoluções Francesa (1789) e Americana (1776) – as quais superaram, finalmente, as relações de servidão e as substituíram pelo “reconhecimento recíproco e universal, em que cada cidadão reconhece a dignidade e humanidade de todos os outros”<sup>38</sup> –, se constitui no espaço político-institucional apto ao reconhecimento e à defesa dos citados direitos humanos-fundamentais.

O desejo de reconhecimento, então, pode construir o elo entre a política liberal e a economia liberal, que faltava na definição da história. Desejo e razão estão suficientemente unidos para explicar o progresso de industrialização e uma grande parte da vida econômica<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> Idem, op. cit., p. 15.

<sup>36</sup> Idem, op. cit., p. 16.

<sup>37</sup> Idem e ibidem, op. cit., p. 16.

<sup>38</sup> Idem, op. cit., p. 19.

<sup>39</sup> Idem e ibidem, op. cit., p. 19.



Finalmente - e atrelada à noção de reconhecimento que, em simbiose com a de desenvolvimento econômico e tecnológico, ampara o fim da história no âmbito das democracias liberais - é a importância da *thymos* trazida, por Fukuyama, do célebre texto de Platão, “A República”. Para o filósofo ateniense, a alma, além das dimensões da razão e do desejo, era dotada de uma terceira e especial parte, intitulada por ele *thymos*<sup>40</sup>. Responsável pelo reconhecimento do valor de si mesmo, das coisas, dos princípios e dos outros seres humanos, a *thymos* pode justificar, igualmente, uma das dimensões vitoriosas, no mundo contemporâneo, das democracias liberais, qual seja sua dimensão coletiva de autoestima, pois, segundo Francis Fukuyama:

...os povos têm também um orgulho timótico de próprio valor, o que os leva a exigir um governo democrático que os trate como adultos, e não como crianças, que reconheça sua autonomia como indivíduos livres. Em nossos dias, o comunismo começa a ser superado pela democracia liberal porque apresenta uma falha muito grande na sua forma de reconhecimento<sup>41</sup>.

#### 4 O ÚLTIMO HOMEM

O último homem é a criatura que surge diante do fim da história, afirma, na “Parte V” de seu livro, Fukuyama. Apesar dessa constatação, o autor se questiona sobre a condição deste homem final. Será para ele, cidadão, a democracia liberal satisfatória? Responderá a suas pretensões e necessidades? Sob os subtítulos “No Reino da Liberdade”, “Homens sem Peito”, “Livre e Desigual”, “Direitos Perfeitos e Deveres Imperfeitos” e “Imensas Guerras do Espírito”, o autor apresenta duas possíveis respostas, ou melhor, críticas, aos questionamentos acima formulados, uma fornecida pela direita e outra pela esquerda.

A resposta da direita, que segundo Francis Fukuyama é mais contundente em sua aceção sagaz da condição do último homem, foi elaborada por pensadores de grande

---

<sup>40</sup> Palavra também vinculada ao conceito de espírito e, no âmbito pessoal e psicanalítico, à autoestima.

<sup>41</sup> Idem, op. cit., p. 20.



expressão, mas, certamente, Friedrich Nietzsche<sup>42</sup> é o seu maior expoente. Uma vez que para Nietzsche a democracia moderna representava não a autonomia do antigo escravo, mas sim sua vitória incondicional, a democracia liberal produziu e produz o que Fukuyama nomeou como “homens sem peito”, desprovidos de *thymos* e acomodados, ou seja, cidadãos modelo que, “doutrinados pelos fundadores do liberalismo moderno, trocaram a crença orgulhosa na própria superioridade pelo conforto da autoconservação”<sup>43</sup>. Logo, satisfeitos com sua felicidade, em outras palavras, com sua condição de serem o que quiserem e de poderem quase tudo, pois são livres e destinatários de direitos múltiplos, os últimos homens deixaram de ser humanos.

Por sua vez, a resposta da esquerda, de viés marxista, é a de que a democracia liberal é, em sua essência, incompleta e, sobretudo, falaciosa em suas promessas. O capitalismo que a orienta preserva as desigualdades econômicas e sociais, promove a divisão do trabalho, a exploração do homem pelo homem, ou seja, não é suficiente para empoderar os seres humanos do reconhecimento necessário e, assim, continua tratando os iguais como desiguais.

## 5 O FIM DA HISTÓRIA? O ÚLTIMO HOMEM?

Francis Fukuyama, por mais controverso que possa parecer, não encerra a obra com respostas certas sobre as críticas ao último homem e ao fim da história. Ao contrário, e valendo-se da afirmação de Alexandre Kojève<sup>44</sup>, de que a história, ao final, reclamaria sua própria racionalidade, utiliza a metáfora dos homens conduzindo carroças para afirmar:

Isto é, parariam na cidade carroças suficientes para fazer com que qualquer pessoa razoável, observando a situação, fosse forçada a concordar que tinha havido uma única jornada e um único destino. É duvidoso que tenhamos chegado a esse ponto agora, pois, a despeito da recente revolução liberal em todo o mundo, a evidência

---

<sup>42</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um dos mais importantes filósofos alemães do século XIX. Além de diversos livros, ensaios, poesias e poemas, a obra de Nietzsche inclui, ainda, composições musicais.

<sup>43</sup> Idem, op. cit., p. 24.

<sup>44</sup> Alexandre Kojève (1902-1968), apesar de ter nascido na Rússia, é considerado um filósofo francês de expressão, pois viveu quase toda a sua vida na França. Ligado ao pensamento hegeliano, trabalhou para o governo, em Paris, e, entre outras atividades de destaque, foi um dos idealizadores instrumentais da União Europeia.



que temos agora a respeito da direção das carroças desgarradas continua provisoriamente inconclusiva. Também, em última análise, não podemos saber, admitindo-se que a maioria das carroças tenha chegado à mesma cidade, se seus ocupantes, depois de examinarem as novas paragens, não as acharão inadequadas e não voltarão os olhos para uma nova e mais distante viagem<sup>45</sup>.

## 6 REFERÊNCIAS

BAST, A. *The Beginning of History*. The Daily Beast in Newsweek Magazine. May 05, 2011. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/newsweek/2011/04/10/the-beginning-of-history.html>>

FUKUYAMA, F. *As Origens da Ordem Política – Dos Tempos Pré-Humanos até a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

FUKUYAMA, F. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

FUKUYAMA, F. *The End of History?* The National Interest, nº 16, (Summer, 1989), p. 3-18.

MAYOS, G. UNIVERSITAT DE BARCELONA. Disponível em: <<http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos/>>

MACROMAYOS. Disponível em: <<http://goncalmayossolsona.blogspot.com.br/>>

STANFORD UNIVERSITY. *Francis Fukuyama's Biography*. Disponível em: <<http://fukuyama.stanford.edu/>>

WROE, N. *History's Pallbearer*. The Guardian. Mar 17, 2011. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2002/may/11/academicexperts.artsandhumanitie>>

YOUTUBE. *Book TV C-SPAN2. Francis Fukuyama Interview: The End of History and the Last Man*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vZWJETpfbzM>>

---

<sup>45</sup> Idem, op. cit., p. 406-407.